

CENTENÁRIO

MURILO

RUBI -

- ão

Catálogo
educativo



A A R M A D I L H A

c. 20
versal

"Porque se a trombeta der um som confuso, quem se preparará para a batalha?" - São Paulo, Aos Coríntios, Primeira Epístola, XIV, 8.

Sumário

5. Sobre o autor
6. Realismo fantástico: o real a conviver com o irreal do mundo
 - Fantasia, motor da literatura
 - Realismo fantástico, modo de (re)ver a realidade
7. Literatura fantástica no Brasil: breve panorama
 - O gênero conto
9. Fantástico e real: o universo de Murilo Rubião
 - A linguagem
 - Os narradores
 - As epígrafes
 - Os animais como personagens fantásticos
 - Temas rubianos: imaginar mundos possíveis
13. Por que ler a obra de Murilo Rubião?
14. Convite à leitura
17. O ex-mágico da Taberna Minhota
18. Teleco, o coelhinho
21. Alfredo
22. Os dragões
25. O pirotécnico Zacarias
26. Bárbara
29. O edifício
30. A fila
32. Panorama da época
34. Saiba mais
 - Para navegar
 - Para ler e pesquisar
 - Para ouvir
 - Para assistir
36. Obras do autor
38. Atividades

Apresentação

Murilo reescritor de Cervantes

Pode soar estranho, mas o mundo desencantado do Ex-mágico rubiano aparenta-se com o encantado do Quixote cervantino. O mágico (ou ex) da Taberna Minhota guarda a mesma errância daquele cavaleiro que sai pela Espanha pós-medieval em busca das aventuras lidas em seus livros e tem sua trajetória perpassada pela magia.

Aliás, pode-se afirmar que a Magia, mais que um empecilho, torna-se a matriarca dessas histórias. A Magia como temática da obra e como procedimento; como opção estética, como poética e como princípio regente da ficção. Ao optar pelo insólito, ou pelo fantástico, Murilo seguiu a tradição retomada por Machado – tão lido e tão celebrado por ele –, a tradição de La Mancha. E, como afirmou Carlos Fuentes, sobre Machado de Assis, esse interrompeu a tradição dominante de Waterloo: a realista; uma tradição que se “afirma como realidade”. Murilo elege La Mancha, por esta assumir-se como ficção. Murilo elege a tradição mágica, por esta assumir-se como Literatura.

Jorge Luis Borges, quando iguala os procedimentos narrativos aos da magia, em seu ensaio “A arte narrativa e a magia”, ressalta a causalidade

como o mecanismo central que diferencia a ficção “realista” da “mágica” ou “fantástica”. As narrativas mágicas arquitetam aventuras extraordinárias, criando uma forte aparência de verdade e evocando a fé poética. Nelas, o inverossímil passa a ser aceito como verossímil. Nelas, Teleco, um coelhinho, pode metamorfosear-se em um homem-canguru. Nelas, o jornalista-escritor João Ambrósio pode escrever seu poema por uma procissão surreal.

Esse é o mundo muriliano! Um mundo que deve ser vivenciado evocando-se uma lógica outra.

Nas páginas que se seguem, o leitor encontrará um convite para adentrar o universo mágico do escritor mineiro. Há muitas entradas para ele: por seus contos, pelos termos que designam sua obra, por seus procedimentos narrativos, pelas cartas trocadas sobre a experiência da escrita. Entregue-se, então. Embrenhe-se em suas aventuras, sabendo que as veredas rubianas se mostrarão com toda a sua grandiosidade.

Sandra Nunes
Autora do blog Reescrituras rubianas



Sobre o autor

Murilo Eugênio Rubião (1916–1991) nasceu em Silvestre Ferraz (atual Carmo de Minas), Minas Gerais, descendente de uma família de escritores. Mudou-se para Belo Horizonte em 1923, onde concluiu o primário no Grupo Escolar Afonso Pena, o ginásio no Colégio Arnaldo e o curso de Direito na Universidade de Minas Gerais em 1942. Advogado, funcionário público e jornalista, ele trabalhou em diversos jornais e revistas de Belo Horizonte. Além de ter atuado como chefe de gabinete de Juscelino Kubitschek quando este foi Governador de Minas Gerais, Rubião também exerceu diversos cargos importantes na administração pública, tais como a direção: da Rádio Inconfidência de Minas Gerais, da Imprensa Oficial de Minas Gerais e da Escola de Belas Artes de Belo Horizonte (Escola Guignard). Outra importante realização de Rubião foi criar o Suplemento Literário de Minas Gerais, que até os dias de hoje é tido como um dos melhores órgãos da imprensa cultural do Brasil, sendo reconhecido internacionalmente. Em suas páginas, foram editados trabalhos de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Clarice Lispector, Mário de Andrade, Julio Cortázar, dentre outros grandes nomes da literatura brasileira e estrangeira. Rubião estreou na literatura em 1947 com o livro *O ex-mágico* – considerado obra-prima do realismo fantástico. E, ao longo de sua carreira, produziu uma obra que, apesar de pequena (constituída por 33 contos publicados em livros), é vista, ainda hoje, como uma das mais importantes da literatura brasileira.

PALAVRA DO AUTOR

“Sou um sujeito que acredita no que está além da rotina. Nunca me espanto com o sobrenatural, com o mágico. E isso tudo aliado a uma sedução profunda pelo sonho, pela atmosfera onírica das coisas. Quem não acredita no mistério não faz literatura fantástica.”

Murilo Rubião, entrevista publicada em *O pirotécnico Zacarias*, Ed. Ática, 1986.

Realismo fantástico: o real a conviver com o irreal do mundo

FANTASIA, MOTOR DA LITERATURA

Pode-se dizer que a literatura fantástica é uma narrativa tão antiga quanto o próprio homem. Lendas, mitos, contos de fadas, contos, novelas ou romances ocorridos “há muito tempo atrás” ou em “uma galáxia muito, muito distante” são formas de narrar que recorrem ao que se chama de fantasia. Assim, independente da época em que foram escritas ou para quem foram feitas (adultos ou crianças), é pela fantasia que se tem acesso aos vários mundos que existem no mundo de cada pessoa.

A ideia de literatura realista é recente, remontando ao século XIII, com as sagas escandinavas. Antes disso, entendia-se que todo escritor se referia a lugares distantes (imaginários muitas vezes), ou a um tempo situado em um passado remoto – afastado da realidade em que o autor se inseria. A noção de que um autor deveria ter compromisso em retratar sua época, relatando fatos cotidianos ou emitindo opiniões sobre esta ou aquela corrente política, por exemplo, é algo novo, que tem início com o Realismo do século XIX. No entanto, há aqueles que acreditam – e o próprio Murilo Rubião foi um deles – que, em última instância, toda literatura é fantástica.

CARACTERÍSTICAS DA NARRATIVA FANTÁSTICA

Estabelece oposição entre o real e o irreal / fantástico;

Apresenta acontecimentos estranhos, sem qualquer explicação, fora do comum ou aparentemente sobrenaturais, que rompem com a normalidade do cotidiano;

Exibe personagens (irreais ou pouco comuns) que levam o leitor a duvidar do que é apresentado pela narrativa;

É feita por uma linguagem culta e formal, podendo também adotar a linguagem popular.

REALISMO FANTÁSTICO, MODO DE (RE)VER A REALIDADE

O **realismo fantástico** é uma corrente literária que coloca o problema dos limites entre o possível e o impossível, o real e o irreal (ou sobrenatural). Nessas narrativas, acontecimentos inexplicáveis e/ou impossíveis (do ponto de vista lógico ou científico) ocorrem no mundo verdadeiro, mas sem que sejam questionados pelo narrador ou pelos personagens. Ao fazer o leitor se deparar com cenas absurdas em situações cotidianas, busca-se provocar as sensações de dúvida e de estranhamento, fazendo com que ele repense a realidade a sua volta.

De acordo com o escritor italiano Italo Calvino, há dois tipos de contos fantásticos: o fantástico visual e o fantástico cotidiano. O primeiro privilegia os aspectos visuais da narrativa – como os acontecimentos incomuns e as personagens fantasmagóricas ou irreais. No segundo, predominam os aspectos psicológicos, como as alucinações, a loucura, o medo e o terror.



Literatura fantástica no Brasil: breve panorama

No **Brasil**, o fantástico foi trabalhado por vários escritores que trataram diretamente do conflito entre o real e o sobrenatural, relatando casos de bruxas, fantasmas e lobisomens. No século XIX, escritores como Bernardo Guimarães, no conto “A dança dos ossos”, relata a estória de um barqueiro que encontrou um esqueleto que dançava e pulava no meio da floresta. Afonso Arinos, em “Assombramento”, narrou o caso de um grupo de vaqueiros que passou uma noite em uma velha casa considerada assombrada.



Machado de Assis

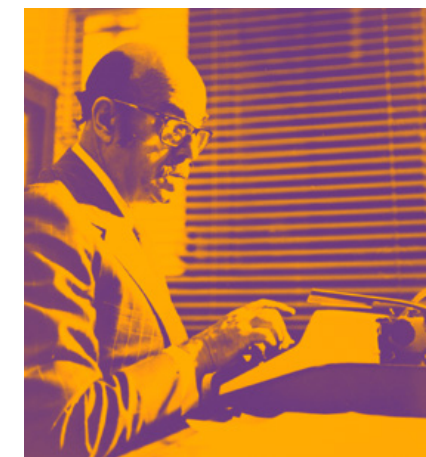


Bernardo Guimarães

Caso diferente é o de Machado de Assis. Apesar de sua obra ser associada ao realismo, ele também escreveu contos fantásticos cujo tema não era o sobrenatural, mas o problema sobre a percepção da realidade que se pensa conhecer. Em contos como “Sem Olhos” e “A causa secreta”, Machado recorre ao macabro e ao suspense para questionar como se vê e se pensa o mundo – lugar de ilusões e de situações extraordinárias, sejam provocadas por alucinações, sejam circunstâncias do dia a dia que talvez ocultem uma

realidade misteriosa e assustadora. No século XX, escritores como o mineiro Murilo Rubião, o goiano José J. Veiga e o gaúcho Moacyr Scliar também escreveram contos fantásticos. Mas, diferentemente de Guimarães e de Azevedo, Rubião, Veiga e Scliar não trataram do sobrenatural, optando, como Machado, por narrar fatos excepcionais. De acordo com esses escritores, o incomum (ou insólito) surge em meio à vida do cotidiano, como se dela fizesse parte. Em *O centauro no jardim* (1980), de Scliar, por exemplo, um menino nasce centauro e é isolado do mundo pelos pais. Ao contar essa situação fantástica, o autor permite que se pense a respeito do estranhamento causado pelo diferente em uma sociedade na qual todos são praticamente iguais.

No romance *A hora dos ruminantes* (1966), de José J. Veiga, lê-se a história da pequena cidade de Manarairema que, de uma hora para outra, tem sua rotina alterada por acontecimentos inexplicáveis. De repente, uma legião de homens misteriosos, de procedência desconhecida, decide acampar na cidade. Em seguida, a cidade inteira é invadida por cães sarnentos. Depois, o povoado é tomado por bois – de um dia para o outro e sem razão aparente.



ANOTE

Um dos recursos narrativos presentes no conto fantástico é o suspense. Ele pode ser construído de várias maneiras:

No ritmo das ações (aceleradas ou lentas);

Nas descrições de cenários e de personagens (uma casa abandonada em uma mata isolada ou um prédio em ruínas);

Ou ainda na maneira como o narrador apresenta os fatos (“parecia um sonho, mas era real”, “parecia que eu estava alucinando”).

Já se falou do realismo fantástico, que é o tipo de literatura feita por Murilo Rubião. Entretanto, é preciso apontar para alguns dos elementos do conto – gênero escolhido pelo autor para dar forma a sua literatura.

O conto apresenta os seguintes componentes:

1. ENREDO – são as ações dos personagens, organizadas em uma sequência de situações. As partes do enredo são: situação inicial, conflito, clímax e desfecho;

2. FOCO NARRATIVO – é a maneira que o narrador utiliza para contar os fatos da narrativa. A escolha do foco narrativo determina o tipo de narrador. Murilo Rubião utiliza tanto a primeira pessoa (narrador participante do fato narrado) quanto a terceira pessoa (narrador observador, que não toma parte dos fatos), existindo contos nos quais ele mistura os dois tipos;

3. PERSONAGENS – são os seres que vivem ou participam das situações narradas. Dividem-se em: protagonista (personagem principal),

antagonista (personagem que se opõe ao protagonista) e personagem secundária (participa da estória, mas não tem papel decisivo);

4. TEMPO – transcorre na ficção de duas maneiras:

A) Cronológico: organizado de acordo com a sequência dos fatos, sendo medido em anos, meses, dias, horas, minutos, segundos. Pode ser linear ou não;

B) Psicológico: flui de acordo com o estado de espírito dos personagens. Este tempo não segue a ordem linear dos tempos passado, presente e futuro;

5. ESPAÇO – também se divide em dois tipos:

A) Espaço físico: constituído pelo cenário no qual as personagens vivem suas ações;

B) Espaço psicológico: ambiente em que se passam os pensamentos, as emoções e as lembranças das personagens.

ANOTE!

O CONTO:

É uma narrativa breve que apresenta os mesmos elementos do romance (narrativa extensa): narrador, personagens, enredo, espaço e tempo;

Diferencia-se do romance por sua brevidade, linearidade (o narrador segue uma ordem cronológica, indo “direto ao ponto”);

Constitui-se de uma narrativa focada em um único conflito, apresentando o desenvolvimento e a resolução desse conflito.



No restaurante submarino: contos fantásticos. Boa Companhia, 2012.

Vários escritores brasileiros fizeram e continuam produzindo literatura fantástica. Veja algumas sugestões desse gênero:

“Flor, telefone, moça”, de Carlos Drummond de Andrade;

Livro das cousas que acontecem, de Daniel Pellizzari;

“Seminário dos ratos”, de Lygia Fagundes Telles;

“O crocodilo I”, de Amílcar Bettega.

Fantástico e real: o universo de Murilo Rubião

Como já foi mostrado, os contos de Murilo Rubião filiam-se ao realismo fantástico. Trata-se de uma corrente literária interessada em construir narrativas nas quais acontecimentos inesperados interferem no universo que se conhece, produzindo estranheza. Essa sensação provoca dúvidas, fazendo com que se hesite entre aceitar ou não o que se lê.

Você se lembra da classificação apresentada por Italo Calvino? De acordo com essa proposta, a obra de Murilo Rubião se enquadra no fantástico visual, pois em seus contos se destacam a força sugestiva das imagens utilizadas para construir os personagens, os cenários, as circunstâncias e os acontecimentos das narrativas. Mediante essas imagens, situações sem explicação ou a que personagens e narradores se sujeitam (e presenciam) são apresentadas ao leitor. Por meio das situações encenadas, as narrativas de Rubião provocam em quem as lê a experiência de presenciar cenas, não raro, incômodas e perturbadoras.

Outra característica dos contos rubianos é o toque humorístico. O humor se mostra quando um canguru diz ser um homem em “Teleco, o coelhino” ou, ainda, na passagem de “Alfredo” a que assistimos quando o “porco se fez verbo” – referência à passagem da Bíblia em que “o verbo se fez carne e habitou entre nós”.

DE OLHO NO TEXTO

A visualidade da obra de Murilo Rubião motivou várias adaptações de seus contos para o cinema e para o teatro. Nesta publicação você irá encontrar, na seção “PARA ASSISTIR”, várias indicações de filmes inspiradas nas histórias fantásticas rubianas.



A LINGUAGEM

O que pode surpreender no estilo de Murilo Rubião é o uso de uma linguagem espantosamente clara, objetiva e simples, que contrasta com situações e enredos inesperados das narrativas. Essa mescla de circunstâncias absurdas com uma linguagem sóbria e acessível amplifica a sensação de estranhamento provocada pela leitura dos contos.

Outro aspecto importante são as figuras de linguagem empregadas por Rubião para construir o fantástico. Uma delas é a hipérbole (exagero), utilizada para enfatizar, por exemplo, o número excessivo de andares do prédio no conto “O edifício”.

Outra figura de linguagem utilizada é a reiteração (repetição). O aspecto repetitivo das ações que se reproduzem sem fim causa a sensação de desconforto – mas também leva a questionar o motivo destas situações. No conto “O ex-mágico”, ocorre a repetição de ações (mágicas, criaturas e objetos criados pelo

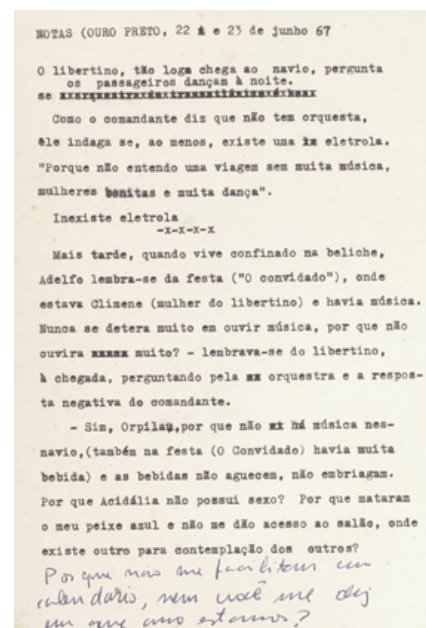
personagem-título) que se reproduzem sem explicação. Em “A fila”, Rubião usa o mesmo recurso para questionar a falta de sentido da burocracia. Assim, Pererico, protagonista deste conto, tenta, em vão, falar com o gerente da companhia. Cada tentativa de se aproximar de seu objetivo corresponde a um lugar cada vez mais distante na fila, o que transforma a espera do personagem em um pesadelo sem fim.

OS NARRADORES

O narrador é outra peça fundamental na criação da atmosfera dos contos de Murilo Rubião. Identificar não apenas sua posição, se em primeira ou em terceira pessoa, mas seus comentários (ou sua ausência) diante dos fatos narrados é indispensável para a compreensão das narrativas. Vejamos dois exemplos.

No conto “O Pirotécnico Zacarias”, o narrador

demonstra dúvidas acerca dos acontecimentos sobre a morte de Zacarias. No entanto, ao longo do texto, o leitor descobrirá que o narrador é o próprio personagem. Ele não consegue explicar se está morto ou vivo, pois, de acordo com este defunto-narrador, “uns acham que estou vivo – o morto tinha apenas alguma semelhança comigo”. O uso da primeira pessoa contribui para criar empatia, de modo a aproximar o leitor do personagem, conferindo, assim, maior credibilidade ao que se relata.

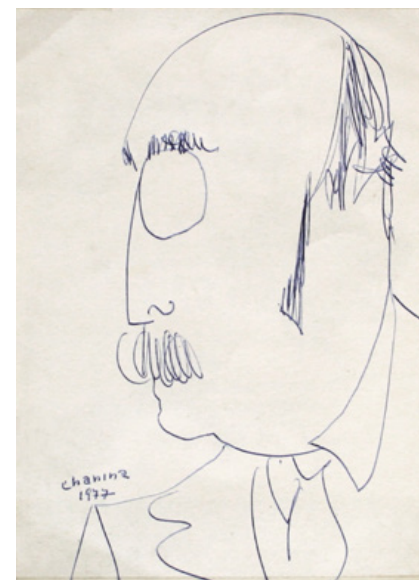


CURIOSIDADE

Murilo Rubião reescrevia seus textos constantemente – chegando ao ponto de modificar títulos, parágrafos inteiros e até mesmo alterar o final das narrativas. Por isso, diz-se que Rubião mais reescreveu e republicou

do que escreveu contos novos. Ao ser questionado sobre o motivo pelo qual refazia suas histórias, mesmo após publicadas em livro, o escritor dizia: “Reelaboro a minha linguagem até a exaustão, numa busca desesperada da

clareza”. Portanto, leitor, ao concluir um texto e não gostar do resultado, não se desanime! Pense que os grandes escritores, para conseguirem um bom texto, retrabalhavam sua escrita constantemente.



TOME NOTA!

Epígrafe é uma forma de intertextualidade. Palavra de origem grega, ela é formada pelos vocábulos “epi” (posição superior) e “graphé” (escrita), significando “escrita na posição superior”.

A epígrafe surge entre o título e o texto. É utilizada em contos, poemas e resenhas. Consiste em uma frase que tenha relação com o conteúdo que será desenvolvido no texto.



A noiva da casa azul, Praga, 1994 – coletânea de contos de Murilo Rubião traduzidos para o tcheco.

AS EPÍGRAFES

Um dos aspectos da obra de Murilo Rubião é o uso, em todos os seus contos, de epígrafes da Bíblia extraídas do Velho e do Novo Testamento. Esses pequenos textos têm por função apontar, de maneira sintética e simbólica, para os grandes temas a serem lidos. É interessante perceber que o contista não as usa por seu sentido religioso, mas como chaves de leitura ou como ampliação do sentido das narrativas. Por esse motivo recomenda-se a releitura das epígrafes após a leitura de cada conto.



OS ANIMAIS COMO PERSONAGENS FANTÁSTICOS

A obra de Murilo Rubião surpreende de várias maneiras. Uma delas é a utilização de animais como protagonistas das narrativas. Mas, curiosamente, os bichos fantásticos e imaginados por Rubião visam a apresentar outra perspectiva para se pensar e se problematizar as relações entre

os homens e a sociedade em que vivem.

Em “Teleco, o coelhinho”, conhecemos uma simpática criatura capaz de se metamorfosear em qualquer ser – inclusive em homem. Mas o que chama a atenção, além da falta de controle do personagem sobre suas transformações, é que essas são feitas para agradar as pessoas a sua volta – e não para que ele consiga se ajustar ao mundo em que tenta viver.

Em “Alfredo”, a história de dois irmãos é apresentada, sendo que um deles é um ex-homem. Após várias tentativas de viver entre os humanos, Alfredo conta ao irmão o motivo pelo qual, após algumas alternativas, preferiu se tornar um melancólico dromedário de chapéu ao invés de continuar sendo humano – pois, segundo ele, andar sem rumo e beber água é menos cansativo do que viver em sociedade.

Já em “Os dragões”, Rubião relata a história de uma cidade do interior na qual, certo dia, aparecem dragões. O narrador, um professor, conta sobre seu convívio com essas criaturas e qual foi o destino de Odorico e de João – dois dragões que lhe foram entregues para educar.

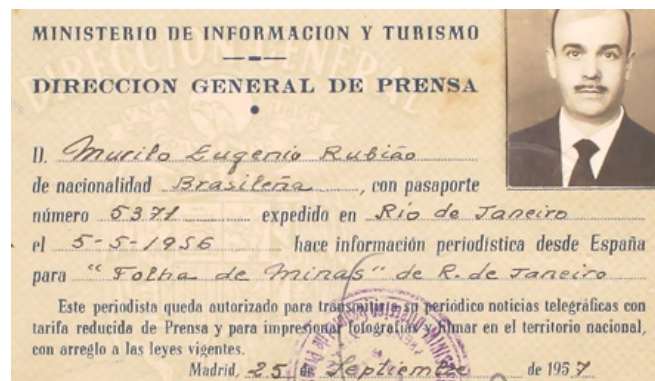
Apesar de recorrer ao fantástico, a ficção rubiana trata de temas antigos e sempre atuais: amor, burocracia, egoísmo, falta de esperança, infelicidade, solidão, tédio, além da tentativa de todas as pessoas de se adaptarem à sociedade em que vivem. Com isso, vê-se que o mundo fantástico de Rubião não deixa de se conectar com nossa realidade – pelo contrário, a diferença é que, no universo rubiano, homens e seres fantásticos convivem naturalmente.

Mas, infelizmente, para a galeria de cativantes e simpáticas criaturas como Alfredo, os dragões, Teleco, o ex-mágico e o pirotécnico, não há salvação ou final feliz. Independente de seus esforços, eles não conseguem modificar nem a si mesmos nem o mundo em que vivem. Condenados a buscar algo que não encontram (o amor, a descoberta da própria identidade, a felicidade, a paz, a tranquilidade), resta a eles apenas uma constatação: a de que não existem respostas definitivas para as questões fundamentais do homem. Qual o sentido para a vida? De onde viemos? Para onde vamos? Perdidos em um mundo de incessante procura, cansados vêm, cansados se vão em seus trajetos incertos.

PARA SABER MAIS

A hipérbole e a reiteração são duas (dentre várias) figuras de linguagem. Figuras de linguagem são recursos empregados para atribuir às palavras novos sentidos, renovando os significados já conhecidos.

Da esquerda para a direita: Cid Rebelo Horta, Alphonsus de Guimaraens Filho, Otto Lara Resende, Murilo Rubião, Fernando Sabino e Hélio Peregrino. *Belo Horizonte*, 24/01/1943.



Assim, dentro da literatura fantástica, há sempre uma crítica social, um inconformismo em relação à maneira como os seres humanos têm (con)vivido uns com os outros. Portanto, ao trabalhar esses temas, Rubião tenta remeter o leitor aos conflitos comuns a todas as pessoas, mas também às questões presentes na realidade – como a incapacidade de comunicação e a falta de solidariedade com o próximo. Como já foi dito anteriormente, o recurso ao fantástico visa a fazer com que o leitor questione a realidade em que vive, de modo a pensar como tornar habitável um mundo tornado impróprio a e por nós mesmos. A solução? Imaginar outras realidades possíveis.

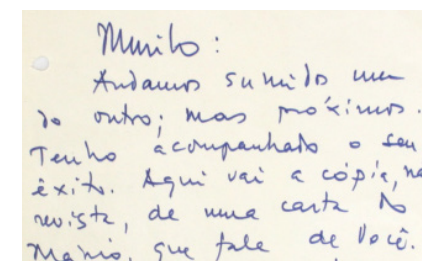


Por que ler a obra de Murilo Rubião?

Nesta parte da publicação, leitor, você conhecerá trechos de cartas e de um texto, feitos por importantes escritores brasileiros, nos quais encontrará algumas opiniões que podem ajudá-lo a compreender ainda mais os contos rubianos.

“Há, em todos estes quinze contos de Murilo Rubião, agora reunidos em livro, uma constante visível, consequente da colocação do autor diante da vida e de seus problemas. Os contos são, aparentemente, fantásticos. O leitor, logo às primeiras páginas, fica prevenido para tudo que acontecer, porque tudo pode acontecer. Há, todavia, uma lógica ligando os acontecimentos que comunicam ao leitor uma insegurança e um mal-estar que é o primeiro sinal de que alguma coisa se quebrou. Quebraram-se os moldes tradicionais, quebrou-se o cotidiano, com a irrupção pura e simples do mistério, do inexplicável. Quase tudo, em Murilo Rubião, é inexplicável mas está marcado de verossimilhança”.

Otto Lara Resende, trecho do artigo “Adesão ao herói de nosso tempo”, sobre o livro *O ex-mágico*, de Murilo Rubião, publicado no jornal *Estado de Minas* em 07/12/1947.



Rio, 8 julho 1965.

Meu caro Murilo Rubião:

Seus Dragões não metem medo: seduzem e convidam a gente a mergulhar no mundo maravilhoso e tão inbricado no real, que é o da sua ficção. É uma alegria viajar de novo por essas terras. Agradeço-lhe a oportunidade que me deu de fazê-lo, com êsse volume que dá belo testemunho da sua arte de contar.

O abraço amigo do seu

Carlos Drummond

“*O Ex-Mágico* é uma delícia! Ele nos transporta para além de nossos limites, sem entretanto jamais perder pé no real e no cotidiano. Seu universo é igual ao de nós todos e, ao mesmo tempo, é um universo que se liberta das leis da circulação humana e da lógica formal. E por mais absurdas que sejam as novas relações estabelecidas por você entre as coisas e o homem, a verdade é que elas não são mais absurdas do que as condições de vida normal...”

Carlos Drummond de Andrade, carta enviada a Murilo Rubião; Rio de Janeiro, 09/11/1947.

“Não será a literatura de ficção científica que vai captar o mistério de nossa época, mas exatamente a literatura do absurdo junto à mitologia da infância, povoado de sonhos em que os homens e animais se misturam e se completam, vivendo a nossa realidade interior. Não sei dizer nem repetir o que lhe disse, e é uma pena. Só posso acrescentar que seu livro me encheu de grata emoção por redescobrir nele um escritor de primeira grandeza e justificar o entusiasmo que seus contos me despertam”.

Fernando Sabino, carta enviada a Murilo Rubião; Londres, 09/01/1966.

Convite à leitura

Nas páginas seguintes, leitor, você encontrará trechos selecionados de alguns dos contos mais conhecidos de Murilo Rubião. E ainda um ensaio fotográfico de Belo Horizonte, cidade em que o autor morou grande parte de sua vida, com intervenções artísticas que colocam em cena os personagens rubianos. Boa leitura!

Madrid, 1/11/57

6 Convidado

6 personagens, no cair, vê aparecer um grupo de fantoches. A pantofila dele era muito estranha. Uma casaca enorme, o peito cheio de alamares e no ombro um exército de dragões (o convidado)

6 Trem

A mulher do homem de casaca, sentada no leito começa a lembrar o que aconteceu na véspera do nascimento do marido. Tinham sido convidados para ir uma festa em honra do esposo. Mas, no meio do caminho, por temor dele, (agora ~~sempre~~ não estava certo se ficou bem), mudaram de ideia e foram à casa de Alfredo. E lá conheceram Eduar



O Ex-mágico

*Inclina, Senhor, o teu ouvido, e ouve-me;
porque eu sou desvalido e pobre.
(Salmos, LXXXV, 1)*

Hoje sou funcionário público e este não é o meu desconsolo maior.

Na verdade, eu não estava preparado para o sofrimento. Todo homem, ao atingir certa idade, pode perfeitamente enfrentar a avalanche do tédio e da amargura, pois desde a meninice acostumou-se às vicissitudes, através de um processo lento e gradativo de dissabores.

Tal não aconteceu comigo. Fui atirado à vida sem pais, infância ou juventude.

Um dia dei com os meus cabelos ligeiramente grisalhos, no espelho da Taberna Minhota. A descoberta não me espantou e tampouco me surpreendi ao retirar do bolso o dono do restaurante. Ele sim, perplexo, me perguntou como podia ter feito aquilo.

O que poderia responder, nessa situação, uma pessoa que não encontrava a menor explicação para sua presença no mundo? Disse-lhe que estava cansado. Nascera cansado e entediado.

Sem meditar na resposta, ou fazer outras perguntas, ofereceu-me emprego e passei daquele momento em diante a divertir a freguesia da casa com os meus passes mágicos.

O homem, entretanto, não gostou da minha prática de oferecer aos espectadores almoços gratuitos, que eu extraía misteriosamente de dentro do paletó. Considerando não ser dos melhores negócios aumentar o número de fregueses sem o conseqüente acréscimo nos lucros, apresentou-me ao empresário do Circo-Parque Andaluz, que, posto a par das minhas habilidades, propôs contratar-me. Antes, porém, aconselhou-o que se prevenisse contra os meus truques, pois ninguém estranharia se me ocorresse a ideia de distribuir ingressos gratuitos para os espetáculos.

Contrariando as previsões pessimistas do primeiro patrão, o meu comportamento foi exemplar. As minhas

apresentações em público não só empolgaram multidões como deram fabulosos lucros aos donos da companhia.

A plateia, em geral, me recebia com frieza, talvez por não me exibir de casaca e cartola. Mas quando, sem querer, começava a extrair do chapéu coelhos, cobras, lagartos, os assistentes vibravam. Sobretudo no último número, em que eu fazia surgir, por entre os dedos, um jacaré. Em seguida, comprimindo o animal pelas extremidades, transformava-o numa sanfona. E encerrava o espetáculo tocando o Hino Nacional da Cochinchina. Os aplausos estrugiam de todos os lados, sob o meu olhar distante.

O gerente do circo, a me espreitar de longe, danava-se com a minha indiferença pelas palmas da assistência. Notadamente se elas partiam das criancinhas que me iam aplaudir nas matinês de domingo. Por que me emocionar, se não me causavam pena aqueles rostos inocentes, destinados a passar pelos sofrimentos que acompanham o amadurecimento do homem? Muito menos me ocorria odiá-las por terem tudo que ambicionei e não tive: um nascimento e um passado.

[...]

Teleco, o coelhinho

– Moço, me dá um cigarro?

A voz era sumida; quase um sussurro. Permaneci na mesma posição em que me encontrava, frente ao mar, absorvido com ridículas lembranças.

O importuno pedinte insistia:

– Moço, oh! moço! Moço, me dá um cigarro?

Ainda com os olhos fixos na praia, resmunguei:

– Vá embora, moleque, senão chamo a polícia.

– Está bem, moço. Não se zangue. E, por favor, saia da minha frente, que eu também gosto de ver o mar.

Exasperou-me a insolência de quem assim me tratava e virei-me, disposto a escorraçá-lo com um pontapé. Fui desarmado, entretanto. Diante de mim estava um coelhinho cinzento, a me interpelar delicadamente:

– Você não dá é porque não tem, não é, moço?

O seu jeito polido de dizer as coisas comoveu-me. Dei-lhe o cigarro e afastei-me para o lado, a fim de que melhor ele visse o oceano. Não fez nenhum gesto de agradecimento, mas já então conversávamos como velhos amigos. Ou, para ser mais exato, somente o coelhinho falava. Contava-me acontecimentos extraordinários, aventuras tamanhas que o supus com mais idade do que realmente aparentava.

Ao fim da tarde, indaguei onde ele morava. Disse não ter morada certa. A rua era o seu pouso habitual. Foi nesse momento que reparei nos seus olhos. Olhos mansos e tristes. Deles me apiedei e convidei-o a residir comigo. A casa era grande e morava sozinho – acrescentei.

A explicação não o convenceu. Exigiu-me que revelasse minhas reais intenções:

– Por acaso, o senhor gosta de carne de coelho?

Não esperou pela resposta:

– Se gosta, pode procurar outro, porque a versatilidade é o meu fracasso.

Dizendo isto, transformou-se numa girafa.

– À noite – prosseguiu – serei cobra ou pombo. Não lhe importará a companhia de alguém tão instável?

Respondi-lhe que não e fomos morar juntos.

Três coisas me são difíceis de entender, e uma quarta eu a ignoro completamente: o caminho da águia no ar, o caminho da cobra sobre a pedra, o caminho da nau no meio do mar, e o caminho do homem na sua mocidade.
(Provérbios, XXX, 18 e 19)

Chamava-se Teleco.

Depois de uma convivência maior, descobri que a mania de metamorfosear-se em outros bichos era nele simples desejo de agradar ao próximo. Gostava de ser gentil com crianças e velhos, divertindo-os com hábeis malabarismos ou prestando-lhes ajuda. O mesmo cavalo que, pela manhã, galopava com a gurizada, à tardinha, em lento caminhar, conduzia anciãos ou inválidos às suas casas.

Não simpatizava com alguns vizinhos, entre eles o agiota e suas irmãs, aos quais costumava aparecer sob a pele de leão ou tigre. Assustava-os mais para nos divertir que por maldade. As vítimas assim não entendiam e se queixavam à polícia, que perdia o tempo ouvindo as denúncias. Jamais encontraram em nossa residência, vasculhada de cima a baixo, outro animal além do coelhinho. Os investigadores irritavam-se com os queixosos e ameaçavam prendê-los.

Apenas uma vez tive medo de que as travessuras do meu irrequieto companheiro nos valessem sérias complicações. Estava recebendo uma das costumeiras visitas do delegado quando Teleco, movido por imprudente malícia, transformou-se repentinamente em porco-do-mato. A mudança e o retorno ao primitivo estado foram bastante rápidos para que o homem tivesse tempo de gritar. Mal abrira a boca, horrorizado, novamente tinha diante de si um pacífico coelho:

– O senhor viu o que eu vi?

Respondi, forçando uma cara inocente, que nada vira de anormal.

O homem olhou-me desconfiado, alisou a barba e, sem se despedir, ganhou a porta da rua.

[...]





Alfredo

*Esta é a geração dos que o buscam,
dos que buscam a face do Deus de Jacó.
(Salmos, XXIII, 6)*

[...]

Alfredo pediu-me que descansássemos um pouco. Sentou-se sobre as pernas e deixou que eu lhe acariciasse a cabeça.

Também ele caminhara muito e inutilmente. Porém, na sua fuga, fora demasiado longe, tentando isolar-se, escapar aos homens, ao passo que eu apenas buscara no vale uma serenidade impossível de ser encontrada.

De início, Alfredo pensou que a solução seria transformar-se num porco, convencido da impossibilidade de conviver com seus semelhantes, a se entredevorarem no ódio. Tentou apaziguá-los e voltaram-se contra ele.

Transformado em porco, perdeu o sossego. Levava o tempo fossando o chão lamacento. E ainda tinha que lutar com os companheiros, sem que, para isso, houvesse um motivo relevante.

Imaginou, então, que fundir-se numa nuvem é que resolvia. Resolvia o quê? Tinha que resolver algo. Foi nesse instante que lhe ocorreu transmutar-se no verbo *resolver*.

E o porco se fez verbo. Um pequenino verbo, inconjugável.

Entretanto, o verbo *resolver* é, obviamente, a solução dos problemas, o remédio dos males. Nessa condição, não teve descanso, resolvendo assuntos, deixando de solucionar a maioria deles. Mas, quando lhe pediram que desse um jeito em mais uma briga familiar, recusou-se:

– Isso é que não!

E transformou-se em dromedário, esperando que beber água o resto da vida seria um ofício menos extenuante.

A madrugada ainda nos encontrou no alto da serra. Espiei pela última vez o povoado, sob a névoa da garoa que caía. Perdera mais uma jornada ao procurar nas montanhas refúgio contra as náuseas do passado. De novo, teria que peregrinar por terras estranhas. Atravessaria outras cordilheiras, azuis como todas elas. Alcançaria vales e planícies, ouvindo rolar as pedras, sentindo o frio das manhãs sem sol. E agora sem a esperança de um paradeiro.

Alfredo, enternecido com a melancolia que machucava os meus olhos, passou de leve na minha face a sua áspera língua. Levantando-me, puxei-o pela corda e fomos descendo lentamente a serra.

Sim. Cansado eu vim, cansado eu volto.

Os dragões

Os primeiros dragões que apareceram na cidade muito sofreram com o atraso dos nossos costumes. Receberam precários ensinamentos e a sua formação moral ficou irremediavelmente comprometida pelas absurdas discussões surgidas com a chegada deles ao lugar.

Poucos souberam compreendê-los e a ignorância geral fez com que, antes de iniciada a sua educação, nos perdêssemos em contraditórias suposições sobre o país e raça a que poderiam pertencer.

A controvérsia inicial foi desencadeada pelo vigário. Convencido de que eles, apesar da aparência dócil e meiga, não passavam de enviados do demônio, não me permitiu educá-los. Ordenou que fossem encerrados numa casa velha, previamente exorcismada, onde ninguém poderia penetrar. Ao se arrepender de seu erro, a polêmica já se alastrara e o velho gramático negava-lhes a qualidade de dragões, “coisa asiática, de importação europeia”. Um leitor de jornais, com vagas ideias científicas e um curso ginásial feito pelo meio, falava em monstros antediluvianos. O povo benzia-se, mencionando mulas sem cabeça, lobisomens.

Apenas as crianças, que brincavam furtivamente com os nossos hóspedes, sabiam que os novos companheiros eram simples dragões. Entretanto, elas não foram ouvidas.

O cansaço e o tempo venceram a teimosia de muitos. Mesmo mantendo suas convicções, evitavam abordar o assunto.

Dentro em breve, porém, retomariam o tema. Serviu de pretexto uma sugestão do aproveitamento dos dragões na tração de veículos. A ideia pareceu boa a todos, mas se desavieram asperamente quando se tratou da partilha dos animais. O número destes era inferior ao dos pretendentes.

Desejando encerrar a discussão, que se avolumava sem alcançar objetivos práticos, o padre firmou uma tese: os dragões receberiam nomes na pia batismal e seriam alfabetizados.

[...]

Quando, subtraídos ao abandono em que se encontravam, me foram entregues para serem educados,

*Fui irmão de dragões e companheiro de avestruzes.
(Jó, XXX, 29)*

compreendi a extensão da minha responsabilidade. Na maioria, tinham contraído moléstias desconhecidas e, em consequência, diversos vieram a falecer. Dois sobreviveram, infelizmente os mais corrompidos.
[...]

Como jamais tivesse ensinado dragões, consumia a maior parte do tempo indagando pelo passado deles, família e métodos pedagógicos seguidos em sua terra natal. Reduzido material colhi dos sucessivos interrogatórios a que os submetia. Por terem vindo jovens para a nossa cidade, lembravam-se confusamente de tudo, inclusive da morte da mãe, que caíra num precipício, logo após a escalada da primeira montanha. Para dificultar a minha tarefa, ajuntava-se à debilidade da memória dos meus pupilos o seu constante mau humor, proveniente das noites maldormidas e ressacas alcoólicas.

O exercício continuado do magistério e a ausência de filhos contribuíram para que eu lhes dispensasse uma assistência paternal. Do mesmo modo, certa candura que fluía dos seus olhos obrigava-me a relevar faltas que não perdoaria a outros discípulos.

Odorico, o mais velho dos dragões, trouxe-me as maiores contrariedades.

[...]

Com o desaparecimento de Odorico, eu e minha mulher transferimos o nosso carinho para o último dos dragões. Empenhamo-nos na sua recuperação e conseguimos, com algum esforço, afastá-lo da bebida. Nenhum filho talvez compensasse tanto o que conseguimos com amorosa persistência. Ameno no trato, João aplicava-se aos estudos, ajudava Joana nos arranjos domésticos, transportava as compras feitas no mercado. Findo o jantar, ficávamos no alpendre a observar sua alegria, brincando com os meninos da vizinhança. Carregava-os nas costas, dava cambalhotas.

Regressando, uma noite, da reunião mensal com os pais dos alunos, encontrei minha mulher preocupada: João acabara de vomitar fogo. Também apreensivo, compreendi que ele atingira a maioridade.

[...]





O pirotécnico Zacarias

*E se levantará pela tarde sobre ti uma luz como a do meio-dia;
e quando te julgares consumido, nascerás como a estrela-d'alva.
(Jó, XI, 17)*

Raras são as vezes que, nas conversas de amigos meus, ou de pessoas das minhas relações, não surja esta pergunta. Teria morrido o pirotécnico Zacarias?

A esse respeito as opiniões são divergentes. Uns acham que estou vivo — o morto tinha apenas alguma semelhança comigo. Outros, mais supersticiosos, acreditam que a minha morte pertence ao rol dos fatos consumados e o indivíduo a quem andam chamando Zacarias não passa de uma alma penada, envolvida por um pobre invólucro humano. Ainda há os que afirmam de maneira categórica o meu falecimento e não aceitam o cidadão existente como sendo Zacarias, o artista pirotécnico, mas alguém muito parecido com o finado.

Uma coisa ninguém discute: se Zacarias morreu, o seu corpo não foi enterrado.

A única pessoa que poderia dar informações certas sobre o assunto sou eu. Porém estou impedido de fazê-lo porque os meus companheiros fogem de mim, tão logo me avistam pela frente. Quando apanhados de surpresa, ficam estarecidos e não conseguem articular uma palavra.

Em verdade morri, o que vem ao encontro da versão dos que creem na minha morte. Por outro lado, também não estou morto, pois faço tudo o que antes fazia e, devo dizer, com mais agrado do que anteriormente.
[...]

Do que aconteceu em seguida não guardo recordações muito nítidas. A bebida, que antes da minha morte pouco me afetava, teve sobre o meu corpo defunto uma ação surpreendente. Pelos meus olhos entravam estrelas, luzes cujas cores ignorava, triângulos absurdos, cones e esferas de marfim, rosas negras, cravos em forma de lírios, lírios transformados em mãos. E a ruiva, que me fora destinada, enlaçando-me o pescoço com o corpo transmutado em longo braço metálico.

Ao clarear o dia, saí da semiletargia em que me encontrava. Alguém me perguntava onde eu desejava ficar. Recordo-me que insisti em descer no cemitério, ao que me responderam ser impossível, pois àquela hora ele

se encontrava fechado. Repeti diversas vezes a palavra cemitério. (Quem sabe nem chegasse a repeti-la, mas somente movesse os lábios, procurando ligar as palavras às sensações longínquas do meu delírio policrômico.)

Por muito tempo se prolongou em mim o desequilíbrio entre o mundo exterior e os meus olhos, que não se acomodavam ao colorido das paisagens estendidas na minha frente. Havia ainda o medo que sentia, desde aquela madrugada, quando constatei que a morte penetrara no meu corpo.

Não fosse o ceticismo dos homens, recusando-se aceitar-me vivo ou morto, eu poderia abrigar a ambição de construir uma nova existência.

Tinha ainda que lutar contra o desatino que, às vezes, se tornava senhor dos meus atos e obrigava-me a buscar, ansioso, nos jornais, qualquer notícia que elucidasse o mistério que cercava o meu falecimento.

Fiz várias tentativas para estabelecer contato com meus companheiros da noite fatal e o resultado foi desencorajador. E eles eram a esperança que me restava para provar quão real fora a minha morte.

No passar dos meses, tornou-se menos intenso o meu sofrimento e menor a minha frustração ante a dificuldade de convencer os amigos de que o Zacarias que anda pelas ruas da cidade é o mesmo artista pirotécnico de outros tempos, com a diferença de que aquele era vivo e este, um defunto.

Só um pensamento me oprime: que acontecimentos o destino reservará a um morto se os vivos respiram uma vida agonizante? E a minha angústia cresce ao sentir, na sua plenitude, que a minha capacidade de amar, discernir as coisas, é bem superior à dos seres que por mim passam assustados.

Amanhã o dia poderá nascer claro, o sol brilhando como nunca brilhou. Nessa hora os homens compreenderão que, mesmo à margem da vida, ainda vivo, porque a minha existência se transmutou em cores e o branco já se aproxima da terra para exclusiva ternura dos meus olhos.

Bárbara

Bárbara gostava somente de pedir. Pedia e engordava. [...]

Muito tarde verifiquei a inutilidade dos meus esforços para modificar o comportamento de Bárbara. Jamais compreenderia o meu amor e engordaria sempre.

Deixei que agisse como bem entendesse e aguardei resignadamente novos pedidos. Seriam os últimos. Já gastara uma fortuna com as suas excentricidades.

Afetuosamente, chegou-se para mim, uma tarde, e me alisou os cabelos. Apanhado de surpresa, não atinei de imediato com o motivo do seu procedimento. Ela mesma se encarregou de mostrar a razão:

- Seria tão feliz se possuísse um navio!
- Mas ficaremos pobres, querida. Não teremos com que comprar alimentos e o garoto morrerá de fome.
- Não importa o garoto, teremos um navio, que é a coisa mais bonita do mundo.

Irritado, não pude achar graça nas suas palavras. Como poderia saber da beleza de um barco, se nunca tinha visto um e se conhecia o mar somente através de uma garrafa?!

Contive a raiva e novamente embarquei para o litoral. Dentre os transatlânticos ancorados no porto, escolhi o maior. Mandeí que o desmontassem e o fiz transportar à nossa cidade.

Voltava desolado. No último carro de uma das numerosas composições que conduziam partes do navio, meu filho olhava-me inquieto, procurando compreender a razão de tantos e inúteis apitos de trem.

Bárbara, avisada por telegrama, esperava-nos na gare da estação. Recebeu-nos alegremente e até dirigiu um gracejo ao pequeno.

Numa área extensa, formada por vários lotes, Bárbara acompanhou os menores detalhes da montagem da nave. Eu permanecia sentado no chão, aborrecido e triste. Ora olhava o menino, que talvez nunca che-

*O homem que se extraviar do caminho da doutrina terá por morada a assembleia dos gigantes.
(Provérbios, XXI, 16)*

gasse a caminhar com as suas perninhas, ora o corpo de minha mulher que, de tão gordo, vários homens, dando as mãos, uns aos outros, não conseguiriam abraçar.

Montado o barco, ela se transferiu para lá e não mais desceu a terra. Passava os dias e as noites no convés, inteiramente abstraída de tudo que não se relacionasse com a nau.

O dinheiro escasso, desde a compra do navio, logo se esgotou. Veio a fome, o guri esperneava, rolava na relva, enchia a boca de terra. Já não me tocava tanto o choro de meu filho. Trazia os olhos dirigidos para minha esposa, esperando que emagrecesse à falta de alimentação.

Não emagreceu. Pelo contrário, adquiriu mais algumas dezenas de quilos. A sua excessiva obesidade não lhe permitia entrar nos beliches e os seus passeios se limitavam ao tombadilho, onde se locomovia com dificuldade.

Eu ficava junto ao menino e, se conseguia burlar a vigilância de minha mulher, roubava pedaços de madeira ou ferro do transatlântico e trocava-os por alimento.

Vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Quando descobri que dirigia os olhos para a lua, larguei o garoto no chão e subi depressa até o lugar em que ela se encontrava. Procurei, com os melhores argumentos, desviar-lhe a atenção. Em seguida, percebendo a inutilidade das minhas palavras, tentei puxá-la pelos braços. Também não adiantou. O seu corpo era pesado demais para que eu conseguisse arrastá-lo.

Desorientado, sem saber como proceder, encostei-me à amurada. Não lhe vira antes tão grave o rosto, tão fixo o olhar. Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse. Ninguém mais a conteria.

Mas, ao cabo de alguns minutos, respirei aliviado. Não pediu a lua, porém uma minúscula estrela, quase invisível a seu lado. Fui buscá-la.





O edifício

Chegará o dia em que os teus pardieiros se transformarão em edifícios; naquele dia ficarás fora da lei.
(Miquéias, VII, 11)

Mais de cem anos foram necessários para se terminar as fundações do edifício que, segundo o manifesto de incorporação, teria ilimitado número de andares. As especificações técnicas, cálculos e plantas, eram perfeitas, não obstante o ceticismo com que o catedrático da Faculdade de Engenharia encarava o assunto. [...]

1. A lenda

Ao engenheiro responsável, recém-contratado, nada falaram das finalidades do prédio. Finalidades, aliás, que pouco interessavam a João Gaspar, orgulhoso como se encontrava de, no início da carreira, dirigir a construção do maior arranha-céu de que se tinha notícia.

Ouviu atentamente as instruções dos conselheiros, cujas barbas brancas, terminadas em ponta, lhes emprestavam aspecto de severa pertinácia.

Davam-lhe ampla liberdade, condicionando-a apenas a duas ou três normas, que deveriam ser corretamente observadas. A sua missão não seria somente exercer funções de natureza técnica. [...] Competia-lhe, ainda, evitar quaisquer motivos de desarmonia entre os empregados. Essa diretriz, conforme lhe acentuaram, destinava-se a cumprir importante determinação dos falecidos idealizadores do projeto e anular a lenda corrente de que sobreviveria irremovível confusão no meio dos obreiros ao se atingir o octingentésimo andar do edifício e, conseqüentemente, o malogro definitivo do empreendimento.

No decorrer das minuciosas explicações dos dirigentes da Fundação, o jovem engenheiro conservou-se tranquilo, demonstrando absoluta confiança em si, e nenhum receio quanto ao êxito das obras. Houve, todavia, uma hora em que se perturbou ligeiramente, gaguejando uma frase ambígua. Já terminara a entrevista e ele recolhia os papéis espalhados pela mesa, quando um dos velhos o advertiu:

— Nesta construção não há lugar para os pretensiosos. Não pense em terminá-la, João Gaspar. Você morrerá

bem antes disso. Nós que aqui estamos constituímos o terceiro Conselho da entidade e, como os anteriores, jamais alimentamos a vaidade de sermos o último.
[...]

3. A comissão

João Gaspar era meticuloso e detestava improvisações. Antes de encher-se a primeira forma de concreto, instituiu uma comissão de controle para fiscalizar o pessoal, organizar tabelas de salários e elaborar um boletim destinado a registrar as ocorrências do dia.
[...]

De cinquenta em cinquenta andares, João Gaspar oferecia uma festa aos empregados. Fazia um discurso. Envelhecia.

4. O baile

Inquietante expectativa marcou a aproximação do 800º pavimento. Redobram-se os cuidados, triplicou-se o número de membros da Comissão de Controle, cuja atividade se tornara incessante, superando dificuldades, aplainando divergências. Deliberadamente, adiou-se o baile que se realizava ao termo de cada cinquenta pisos concluídos.

Afinal, dissiparam-se as preocupações. Haviam chegado sem embaraços ao octingentésimo andar. O acontecimento foi comemorado com uma festa maior que as precedentes.

Pela madrugada, porém, o álcool ingerido em demasia e um incidente de pequena importância provocaram um conflito de incrível violência. Homens e mulheres, indiscriminadamente, se atacaram com ferocidade, transformando o salão num amontoado de destroços.
[...] De modo inesperado, cumprira-se a antiga predição.
[...]

A fila

[...]

Consciente da sua sordidez, o asco em cada palavra, cuidava de reconciliar-se com o porteiro.

Começou por cumprimentá-lo discretamente. Depois vieram as frases convencionais, evoluindo para um elogio ao bom gosto do negro na escolha das gravatas e roupas. Damião sorria satisfeito, a aguardar um pronunciamento formal de Pererico sobre suas intenções, o que finalmente aconteceu:

– Bem sei que em mais de uma ocasião fui grosseiro com você. É que eu me enraivecia com a sua insistência em saber minúcias de um assunto sigiloso. Faço-lhe agora um apelo para que me consiga, sem condições e fora da fila, uma audiência com o gerente.

Sentia-se envergonhado pelo discurso, enquanto o crioulo aproveitava a oportunidade para exibir falsa modéstia:

– Há um pouco de exagero na sua confiança com relação ao meu prestígio. Quem marca esse tipo de audiência é o secretário da Companhia. Vamos lá – disse, pedindo-lhe que o acompanhasse.

Conduziu-o ao primeiro andar da fábrica e, no final de um extenso corredor, entraram numa saleta. O negro apontou para um homem baixo e magro, sentado em frente a uma escrivaninha:

– O meu colega, que está ali, lhe fornecerá a senha e as informações necessárias.

Pererico desconfiou do olhar de Damião, ao afastar-se, percebendo nele a malícia. A suspeita se confirmaria ao receber um cartão de número desproporcional à importância da pessoa com quem iria falar.

– Escapava de uma fila e caía noutra.

– Quer dizer que tenho na minha frente quatrocentas pessoas?

O homenzinho assentiu com um movimento de cabeça e ele indagou quantos candidatos a audiência

E eles te instruirão, te falarão, e do seu coração tirarão palavras.

(Jó, VIII, 10)

eram atendidos por dia.

– Quinze, às vezes vinte.

Um mês em seguida foi atendido pelo secretário.

Afobado e feliz, mal o cumprimentou:

– Arre! Agora o gerente me receberá!

– Depende do que deseja.

– Pouco. Posso adiantar-lhe que é negócio importante e reservado.

– Lamento. Tenho instruções de encaminhar a ele apenas as pessoas portadoras de assunto de real interesse para a administração. Como posso saber se o seu é, desconhecendo os motivos que o trazem aqui?

– Isso é ridículo. Estou há quase seis meses nesta cidade em missão confidencial e não consigo falar a um porcaria de gerente! E será que tenho de revelar a todo o mundo um segredo que não me pertence?

– Nada posso fazer. Há outros em situação idêntica, aguardando com paciência a oportunidade de serem atendidos.

Aborrecido e desapontado, Pererico saiu à procura de Damião, relatando-lhe o ocorrido. O porteiro ficou apreensivo com o seu desalento. Temia que o desânimo o levasse a abandonar definitivamente a fila, coisa que não convinha aos interesses do negro. Precisava levantar-lhe o moral:

– Não se entregue ao desespero, nem deixe de vir todos os dias à fábrica. O acaso ou uma inspiração feliz poderão remover os obstáculos. Siga o exemplo dos que há anos esperam, confiantes, a vez de serem atendidos.

[...]



Panorama da época

ALGUNS FATOS MARCANTES, QUE AFETARAM O BRASIL

(E A VIDA DE MURILO RUBIÃO), OCORRIDOS ENTRE 1916 E 1991.

1916

1º de junho – Nasce Murilo Eugênio Rubião em Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas (MG).



Murilo Rubião bebê.

1918

Fim da Primeira Guerra Mundial.

1922

Realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo.



Cartaz da Semana de Arte Moderna.

1923

Murilo muda-se para Belo Horizonte.



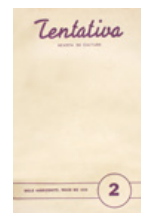
Murilo e seu irmão, Paulo.

1937

Instalação do Estado Novo.

1938

Murilo ingressa na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, na qual funda, com um grupo de jovens escritores, a Revista *Tentativa* – publicação dedicada à literatura e à cultura.



1939

Hitler invade a Polônia. Começa a Segunda Guerra Mundial.

1942

Murilo forma-se no curso de Direito.



Murilo em sua formatura.



Brasil entra na Segunda Guerra Mundial.

1945

Termina a Segunda Guerra Mundial. Getúlio Vargas renúncia à Presidência.

1947

Murilo Rubião publica seu primeiro livro, *O ex-mágico*.



1949

China adere ao regime comunista.

1950

Getúlio Vargas é eleito presidente do Brasil.



1952

Juscelino Kubitschek é eleito governador de Minas Gerais. Murilo Rubião assume a chefia de gabinete de JK.



Clóvis Salgado da Gama, Juscelino Kubitschek, Murilo Rubião (atrás de JK, à sua direita) e outros em solenidade do Governo de Minas Gerais.

1953

Murilo publica seu segundo livro, *A estrela vermelha*.



1954

Getúlio Vargas comete suicídio.

1956

Juscelino Kubitschek é eleito presidente do Brasil. Murilo Rubião viaja para Madri, na Espanha, onde permanece até 1961 como chefe do escritório de propaganda e expressão comercial do Brasil e adido da Embaixada brasileira.



Murilo Rubião em um parque de Madri.

1957

Fidel Castro lidera a Revolução Cubana.

1960

Juscelino Kubitschek inaugura Brasília.

1961

Jânio Quadros renúncia à Presidência do Brasil.

1964

Golpe civil-militar no Brasil.

1965

Murilo Rubião publica seu terceiro livro, *Os dragões e outros contos*.



1966

Murilo organiza o Suplemento Literário do jornal Minas Gerais, do qual é o primeiro editor até 1969.



Primeira página da primeira edição do Suplemento Literário, organizado por Murilo Rubião.

1968

Ocorrem diversos protestos estudantis em vários países, eventos que ficaram conhecidos como Maio de 1968.

1969

O homem chega à Lua.

1973

Golpe de Estado no Chile.

1974

Murilo Rubião publica os livros *O pirotécnico Zacarias* e *O convidado*.



1978

Murilo Rubião publica *A casa do girassol vermelho*.



1979

O presidente João Baptista Figueiredo assina a anistia de presos políticos brasileiros.

1983

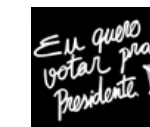
Murilo Rubião é nomeado Diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais.



Murilo Rubião escrevendo à máquina de datilografar.

1984

Mobilização nacional, no Brasil, pelas Diretas Já.



1985

Fim da ditadura civil-militar. Tancredo Neves é eleito Presidente do Brasil, mas morre antes de tomar posse.

1989

Queda do Muro de Berlim.

1991

Murilo Rubião falece em Belo Horizonte.

Fim da União Soviética.

Saiba mais

Para navegar

www.fantasticon.com.br

O Fantasticon é considerado hoje um dos eventos mais importantes da literatura fantástica brasileira. Ele surgiu em 2007, para reunir leitores, escritores, editores e pessoas interessadas em literatura fantástica com o intuito de incentivar e de enriquecer o estudo e o debate sobre o fantástico no Brasil em suas três manifestações literárias principais: a ficção científica, a fantasia e o horror.

www.intocados.com

Intocados é um portal de literatura fantástica que busca apoiar, de maneira sempre dinâmica e descontraída, o crescimento da cultura da literatura fantástica no Brasil, trazendo o melhor do conteúdo que os fãs deste universo merecem. Com resenhas, além de publicações de artigos e outros textos, o site propõe um constante diálogo com os admiradores do gênero, colaborando para a divulgação da literatura fantástica em suas diversas manifestações.

Para ler e pesquisar

www.murilorubiao.com.br

Site dedicado a divulgar o trabalho do escritor Murilo Rubião. Contém informações sobre a vida, a obra, além de entrevistas concedidas pelo escritor e de estudos sobre seus livros e contos. Cabe destaque para as fotografias de Rubião com outros escritores, além das cartas que ele trocou com nomes como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Mário de Andrade.

http://www.releituras.com/mrubiao_menu.asp

Criado em 1996, o Projeto Releituras apresenta contos e poemas de vários escritores importantes. Na página destinada a Murilo Rubião, encontram-se disponíveis, na íntegra, os contos “O ex-mágico da Taberna Minhota” e “A armadilha”.

Para ouvir

Dr. Morris - projeto 33 canções - a obra de Murilo Rubião.

O músico paulista Dr. Morris é violinista, compositor, cantor e autor de trilhas sonoras para teatro, cinema e vídeo. Fez a trilha do espetáculo teatral “O amor e outros estranhos rumores”, adaptação para o palco de três contos de Rubião. Morris desenvolve o projeto “33 canções da obra de Murilo Rubião”, no qual apresenta uma recriação dos contos do escritor mineiro.

Confira algumas das canções nos links abaixo:

www.soundcloud.com/dr-morris/flor-de-vidro

www.soundcloud.com/dr-morris/a-casa-do-girassol-vermelho1

www.soundcloud.com/dr-morris/a-lua

www.soundcloud.com/dr-morris/a-fila-demo

Para assistir

O AMOR E OUTROS ESTRANHOS RUMORES, de Yara de Novaes, com Débora Falabella, Maurício de Barros, Priscila Jorge e Rodolfo Vaz. Brasil, 2010.

Esta peça encenada pelo Grupo 3 de Teatro possui como base três contos de Murilo Rubião: “O Contabilista Pedro Inácio”, personagem que calcula os custos de um amor; “Bárbara”, em que um marido se vê diante dos pedidos incessantes e nada comuns da esposa, que engorda a cada desejo satisfeito e “Três nomes para Godofredo”, uma interpretação sobre o casamento e a solidão.

Assista ao clipe da peça:

www.youtube.com/watch?v=fUPmKnkZZ4



O BLOQUEIO, de Cláudio de Oliveira. Brasil, 2002.

Filme baseado no conto “O bloqueio”, de Murilo Rubião, no qual Gérion é o solitário morador de um edifício assolado por uma imensa quantidade de barulhos. Atormentado e quase louco, ele se questiona: estariam construindo ou destruindo o edifício?

Assista ao filme aqui:

www.curtaocurta.com.br/filme/o_bloqueio-551

O PIROTÉCNICO ZACARIAS, de Rodolfo Magalhães. Brasil, 1992.

Baseado na obra do escritor Murilo Rubião, o filme foi produzido no início de 1991, utilizando recursos de computação gráfica para obter as metamorfoses descritas na literatura fantástica do autor.

Assista ao filme aqui:

www.vimeo.com/58448484

O EX-MÁGICO, de Rafael Conde. Brasil, 1996.

Filme baseado no conto “O ex-mágico da Taberna Minhota”, de Murilo Rubião, narra a estória de um mágico nascido sem pais, sem infância e sem juventude. Embaraçado com sua capacidade de fazer truques, o mágico tenta, de todas as maneiras, livrar-se de sua magia e de sua penosa existência para a qual não encontra sentido.

Assista ao filme aqui:

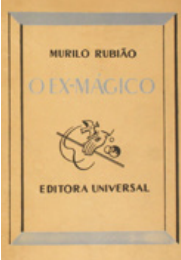













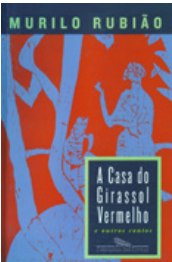

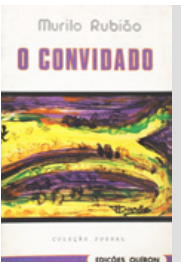
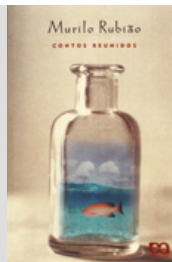


<https://player.vimeo.com/video/13167389>



Obras do autor

RELAÇÃO DOS LIVROS PUBLICADOS

DE MURILO RUBIÃO

	<p>O ex-mágico. Rio de Janeiro, Universal, 1947.</p>		<p>A casa do girassol vermelho. Prefácio de Eliane Zagury. São Paulo, 1ª ed. Ática, 1978, 3ª ed., 1980.</p>		<p>O pirotécnico Zacarias e outros contos escolhidos. Porto Alegre, L&PM Pocket, 1999.</p>		<p>Murilo Rubião – obra completa (edição de bolso). São Paulo, Companhia das Letras, 2010.</p>
	<p>A estrela vermelha. Rio de Janeiro, Hipocampo, 1953.</p>		<p>Murilo Rubião – literatura comentada. São Paulo, Abril Educação, 1982.</p>		<p>Contos de Murilo Rubião. São Paulo, Difusão Cultural do Livro, 2004. (Coleção O Encanto do Conto)</p>		<p>Murilo Rubião – edição do centenário. Posfácio de Carlos de Brito Mello. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.</p>
	<p>Os dragões e outros contos. Belo Horizonte, Movimento-Perspectiva, 1965.</p>		<p>O pirotécnico Zacarias e A casa do girassol vermelho (edição dupla). Prefácio de Humberto Werneck. São Paulo, Clube do Livro, 1988.</p>		<p>O pirotécnico Zacarias e outros contos (nova seleção). Posfácio de Jorge Schwartz. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.</p>		<p>O edifício. Ilustrações de Nelson Cruz. Curitiba: Editora Positivo, 2016.</p>
	<p>O pirotécnico Zacarias. Prefácio de Davi Arriguicci Jr. São Paulo, 1ª ed. Ática, 1974, 13ª ed., 1988.</p>		<p>O homem do boné cinzento e outras histórias. São Paulo, Ática, 1990.</p>		<p>A casa do girassol vermelho e outros contos (nova seleção). Posfácio de Sérgio Alcides. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.</p>		<p>Bárbara. Ilustrações de Marilda Castanha. Curitiba: Editora Positivo, 2016.</p>
	<p>O convidado. Prefácio de Jorge Schwartz. São Paulo, 1ª ed. Quiron, 1974, 3ª ed., 1983, Ática.</p>		<p>Contos reunidos. Posfácio de Vera Andrade. São Paulo, Ática, 1998.</p>		<p>O homem do boné cinzento e outros contos (nova seleção). Posfácio de Vilma Arêas e Fábio Dobashi Furuzato. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.</p>		<p>Teleco, o coelhinho. Ilustrações de Odilon Moraes. Curitiba: Editora Positivo, 2016.</p>

Atividades

faço isso
lino = rescrever

O HOMEM DO BONE CINZENTO

"Eu, Nabucodonosor, estava sossegado em minha casa e florescente no meu palácio." - Daniel, IV,1.

1º - LITERATURA FANTÁSTICA, ONTEM E HOJE

1. Leia os trechos dos contos “Teleco, o coelhinho” e “Alfredo”, de Murilo Rubião, presentes nesta publicação. A seguir, responda:

- Por que esses contos podem ser considerados fantásticos?
- Como o real e o fantástico aparecem e se misturam nas narrativas?
- O que faz com que o leitor aceite os contos sem problemas e continue sua leitura?

2. Leia o trecho do conto “Os dragões”. Após a leitura, relacione:

- As criaturas do conto de Murilo Rubião com outros dragões de obras literárias que você conhece (como *Harry Potter*, *Game of Thrones*, *Pokémon*, *Crônicas de Nárnia*, entre outras). Pense, por exemplo, nas características que os aproximam e os diferenciam.
- A situação dos dragões do conto de Rubião com a do indígena brasileiro, no momento em que este entrou em contato com o mundo dos colonizadores portugueses.

2º - CINEMA E LITERATURA

Assista aos filmes *O ex-mágico* (1992) de Rafael Conde e *Harry Potter e a Câmara Secreta* (2002) e liste:

- Quais características da narrativa fantástica são observadas nos filmes?
- Quais aspectos permitem aproximar o personagem de Murilo Rubião dos bruxos do filme de *Harry Potter*?
- Quais são as diferenças dos personagens em relação ao dom da magia?

3º - OFICINA DE ESCRITA

Leia com atenção este pequeno conto do escritor norte-americano Thomas Bailey Aldrich (1836-1907):

Sozinha com sua alma

Uma mulher está sentada sozinha em sua casa. Sabe que não há mais ninguém no mundo: todos os outros seres morreram. Batem à porta.

Apesar de brevíssimo, é um conto aterrorizante, não acha? Agora tente criar outro desfecho para essa narrativa a partir das seguintes dicas:

- no conto fantástico, há uma hesitação entre o mundo real e o mundo imaginário. Isso pode ser representado por uma personagem, um objeto, um som, enfim, algo que cause estranhamento em meio a uma situação aparentemente comum. Pense em como esses elementos poderiam fazer parte de sua narrativa.
- outro recurso importante na narrativa fantástica é o suspense. Aldrich já explora essa possibilidade. Então tente usá-la você também!

Centenário Murilo Rubião – Catálogo educativo

Este catálogo foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à
Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte.
Fundação Municipal de Cultura.

Coordenação editorial:

Sílvia Rubião

Pesquisa (concepção e produção de conteúdo):

Cleber Cabral

Direção de Arte (projeto gráfico e ilustrações):

Gustavo Leite

Fotografia:

Marcelo Coelho

Iconografia:

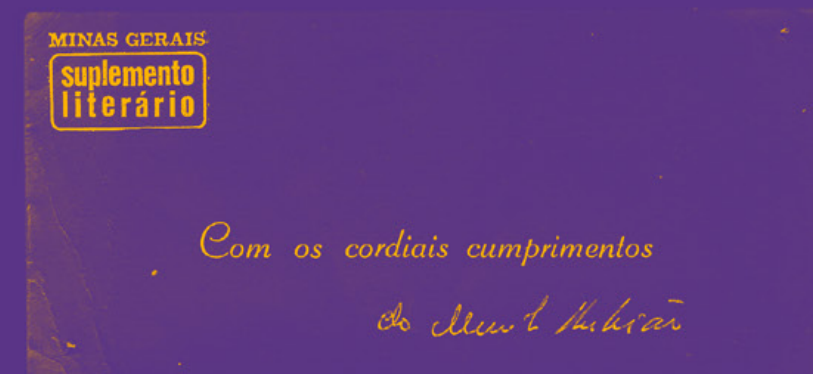
Acervo de Escritores Mineiros – UFMG

Revisão:

Adriana Figueiredo

Gestão:

Vivas



Patrocínio:



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

